



Amós: o profeta dos pobres

Rosinaldo Ernesto Vieira¹

Resumo

Este texto traz uma visão panorâmica do profetismo e do profeta na Bíblia Hebraica, Antigo Testamento, e o seu papel como mensageiro de Javé, além de uma reflexão a partir do livro do profeta Amós, que lança o leitor no campo das necessidades e das realidades sociais, que necessitam ser sentidas sob o olhar do Deus. Realça-se a atualidade da mensagem profética, que denuncia a exploração social, política e a falsa religiosidade. Amós apresenta problemas que convocam os cristãos a refletirem sobre seu papel como profetas de Deus para os dias atuais, defensores dos menos favorecidos. Nesse contexto de discussão, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: profeta, profetismo, protesto, repreensão, convocação.

Introdução: profeta e profetismo

Há várias designações na Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento para a figura importante, e às vezes enigmática, que recebe o título de profeta, dentre as quais destacam-se “vidente” (*ro'eh*), “homem de Deus” (*ish'elohim*), profeta (*nabi*) e visionário (*hozeh*). Todos esses termos aparecem como sinônimos para referir-se a essa personagem tão significativa da cultura bíblica. O termo “homem de Deus” (*ish'elohim*), que é muito genérico, pode ser aplicado a qualquer pessoa. Por sua vez, a palavra ‘profeta’ (*nabi*) “é o termo mais frequente, o termo clássico para referir-se aos profetas” (SICRE DÍAS, 2016, p. 57). O profeta está, muitas vezes, associado àquele que conhece as coisas ocultas e que tem o poder da resolução de problemas, inclusive pequenos problemas pessoais como é o caso das jumentas do pai de Saul (1 Sm 9,9.11.18.19), mas sua “função fundamental é falar em nome de Deus” (BALLARINI E BRESSAN, 1978, p.10).

O profeta ganha destaque na cultura bíblica porque há um grupo da sociedade que o reconhece como figura importante e aceita suas palavras como

¹ Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Graduando em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo – UESP. E-mail: rosinadoernesto21@gmail.com

mensagem de Deus e “para que existam profetas é preciso que ao menos uma parte da sociedade os aceite” (SICRE DÍAS, 2016, p. 77). Para entender o “profeta”, é importante compreender a tradição de Israel e o contexto histórico e social da época, que podem dar uma visão mais detalhada desse personagem. Sicre Días afirma: “é impossível compreender os profetas sem levar em consideração as tradições de Israel, que eram transmitidas pelos diversos canais do culto, pela sabedoria popular, pelas leis” (2016, p. 76). O profetismo faz parte da história de Israel com “caráter e missão bem definidos: defesa do javismo contra as várias influências externas político-religiosas” (BALLARINI E BRESSAN, 1978, p.15).

Essa figura do profeta, tão importante na cultura bíblica, não é exclusiva de Israel, também aparece em outras culturas e outros povos, como no Egito (2000 a.C.), na Mesopotâmia, (1725-1693 a.C.), e nos dias de Hamurabi, rei da Babilônia (1728-1686 a.C.), “havia homens deste ou daquele deus que proferiam oráculos” (BALLARINI E BRESSAN, 1978, p.21). O fenômeno também aparece na Síria, Fenícia e Ásia Menor, sobretudo na Frígia. Nesses países, o profetismo apresenta um caráter orgiaco e mântico (BALLARINI E BRESSAN, 1978, p. 23). O ciclo de Balaão é um exemplo (Nm 22). Contratado por Balac, rei de Moabe, Balaão assume a função de profeta para proferir palavras contra Israel. Elias, por sua vez, enfrentou uma disputa com 450 profetas de Baal.

Além desses chamados profetas, há uma série de figuras que a Bíblia proíbe de serem consultadas e de fazer parte da cultura de Israel, como os magos, feiticeiros, agoureiros, adivinhos, encantadores, etc. (Dt 18,10-12). No entanto, nenhuma dessas figuras tem o mesmo tom significativo do profeta do mundo bíblico, que assume a missão de proclamar a palavra de Javé, pois o profeta em Israel está ligado intimamente à imagem de Javé, que é alimentada no imaginário das pessoas como o Deus que se comunica, que anuncia suas palavras utilizando-se do profeta, que fala em nome de Deus.

1 O profeta Amós

O livro do profeta Amós expõe a realidade dos pobres do campo e da cidade do século VIII a.C., defendendo valores que lhe são transmitidos pela tradição tribal

desde tempos remotos como os do êxodo, da aliança e da própria legislação que o antecedeu. Sua mensagem está envolta pelo contexto social e político dos reinos do Norte (Israel) e do Sul (Judá), na época de Jeroboão II (760 a.C.), como atestam as palavras iniciais do profeta: “Palavras que, em visão, vieram a Amós, que era entre os pastores de Tecoa, a respeito de Israel, nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Jeoás, rei de Israel, dois anos antes do terremoto” (Am 1,1).

Segundo Schwantes (1987, p. 12), “as palavras são mediadas por uma pessoa concreta, chamada Amós, um vidente. Elas foram ditas numa situação política específica e o que é decisivo é que o próprio livro de Amós exige, para si, uma abordagem contextual”. Não é uma narrativa, mas é uma assertiva com linguagem simples, áspera e cortante, mas também carregada de figuras ilustrativas que ele busca do seu próprio meio. A forma assertiva de Amós está na clareza, na objetividade, na transparência e na honestidade de sua mensagem, cujo “princípio geral: não existe efeito sem causa nem causa sem efeito” (BONARA, 1983, p. 10).

No governo de Jeroboão II, Israel passa a ser um país emergente. Sua economia parecia boa, seu exército estava forte, e a religião atestava todo esse clima de desenvolvimento econômico. Mas, por trás de toda esta prosperidade, estava o sacrifício dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Schwantes afirma que “a gente do campo era convocada a gerar, com seu suor e sua fome, os produtos necessários para o expansionismo comercial e militar. A realidade era, pois, marcada por dura exploração” (1987, p. 16).

As consequências dessa exploração foram graves. Os povos do campo pouco a pouco foram perdendo suas posses e se tornando endividados por uma série de fatores, mas sobretudo, pelas imposições dos poderosos que os obrigavam a pagar uma carga tributária altíssima (através de gêneros produzidos), transformando-os em pessoas realmente pobres, que necessitavam do mais básico para sua sobrevivência com o mínimo de dignidade. Segundo afirmação de Sicre Días, “este sistema, duro em si mesmo, piorava por causa da ambição dos ricos e comerciantes, que aproveitavam as fianças dadas aos pobres para aumentar suas riquezas e domínios” (2016, p. 167). Na tentativa de amenizar sua miséria, os pobres se dispunham a qualquer tipo de submissão senhorial como atesta Silva: “além dos empréstimos com juros e fraudes de todos os tipos, agravavam mais ainda a

situação, e eles se veem obrigados a empregar-se como mão de obra assalariada, ou a vender-se como escravos para sobreviver” (2001, p. 11).

Nessa nova realidade, as cidades têm prioridade em relação ao campo, que passa a ser explorado ao máximo para benefício da zona urbana, para os gastos cada vez maiores da corte, para a construção dos palácios, para fazer as guerras etc., especialmente no governo de Jeroboão II, que alargou os domínios de Israel, impondo seus interesses desde Damasco e Hamate ao Norte, e até o Mar Morto ao Sul (2 Rs 14,23-29). Essas guerras e conquistas foram feitas a duras penas para os civis “trilhados como trilhos de ferros” (Am 1,3) (BÍBLIA, 2013, p. 1013). “Por sobre defuntos, os Estados tratavam de ampliar sua área de influência” (SCHWANTES, 1987, p.13). Para agravar ainda mais a situação dos pobres do campo “surge uma espécie de proletariado urbano, como consequência do desenvolvimento do comércio acentuam-se as disparidades sociais, e as desigualdades e a injustiça atingem um ponto extremo. Uma minoria explora o povo” (SILVA, 2001, p. 12).

A maioria da população do campo vivia na terra considerada herança. Por outro lado, na cidade estavam os mecanismos de controle: a corte, o exército, a religião e o comércio. Ou seja, um Estado organizado “que acelerava a dominação sobre o campo, valendo-se para tal, tanto da coerção das armas e do fascínio da religião, ambos em mãos cidadinas, quanto de aliados dentro das próprias vilas campesinas” (SCHWANTES, 1987, p. 14).

Os pobres eram explorados para satisfazer os desejos, a opulência e a ostentação da crescente e emergente sociedade das cidades, que vivia um “bem-estar, que oculta uma decomposição social” (SICRE DÍAS, 2016, p. 167). Por sua vez, Silva afirma que os povos das cidades viviam uma “*belle époque*” que estava fadada ao fracasso iminente, mas que não conseguiam enxergar, “sem que isso tivesse sido percebido, em plena prosperidade já se viam sinais de decadência. Lentamente, o país deslizava rumo ao abismo. A derrocada é inevitável” (SILVA, 2001, p. 16).

Por outro lado, a religião da cidade levada pela ilusão da prosperidade, alheia à real situação dos pobres, praticava uma experiência religiosa apática e palaciana, que não se envolvia com os mais necessitados. A cidade vivia uma falsa segurança e arrogância religiosa, ou seja, vivia uma religião corrupta, “embora os grandes santuários estivessem em plena atividade, repletos de adoradores e

magnificamente providos, a religião não se conservava em sua pureza” (SICRE DÍAS, 2016, p. 167). Os ricos da cidade mediam sua adoração pelas ofertas, sacrifícios, dízimos que ofertavam, porém, esqueciam da justiça, do amor, da misericórdia, da compaixão, da solidariedade, a prática de tudo isso é a adoração que Javé deseja, que Javé gosta. Por isso, a reprovação ao culto de ostentação da cidade.

Vinde a Betel e transgredi, a Gilgal, e multiplicai as transgressões; e, cada manhã, trazei os vossos sacrifícios e, de três em três dias, os vossos dízimos, e oferecei sacrifícios de louvores do que é levedado, e apregoai ofertas voluntárias, e publicai-as, porque disso gostais, ó filhos de Israel, disse o Senhor (Am 4,4-5) (BÍBLIA, 2013, p. 1013).

O culto que Javé quer e gosta é diferente, é a justiça, o direito respeitado e efetivado, portanto, contra esse modelo de Estado explorador e violento, e essa prática de religião, Amós ergue a voz de protesto, advertências e repreensões. “Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3,7) (BÍBLIA, 2013, p. 1015).

Amós torna-se o porta voz de Deus em favor dos pobres. Diante da palavra de Javé, Amós sentiu o impacto da responsabilidade da missão: “Ele disse: O Senhor rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz; os prados dos pastores estarão de luto, e secar-se-á o cimo do Carmelo” (Am 1,2) (BÍBLIA, 2013, p. 1013); “Rugiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor Deus, quem não profetizará” (Am 3,8) (BÍBLIA, 2013, p. 1015). Amós alerta que a violência e a extorsão contra os mais carentes estavam trazendo a destruição eminente da nação. Essa sentença não se reservava apenas ao Reino do Norte, atingia também o Reino do Sul e as nações vizinhas, que não agiam diferentemente no tocante aos humildes.

A mensagem de Amós é verdadeiramente dura, o castigo dos povos é iminente porque ilusoriamente jogam os jogos do poder, com arrogância e soberba exercem a política do dominador, da injustiça e da exploração. Javé se impacienta com os maus tratos impostos aos pobres pelos regimes políticos e com as injustiças sociais disfarçadas de boas intenções, mas sempre em prejuízo dos mais carentes e desassistidos.

Por todo esse conjunto de injustiças e de exploração exacerbada que se estabelecera não só em Israel, mas em todas as regiões, Javé dirige seus oráculos aos povos vizinhos e depois a Israel (Am 1,3-2,16), cuja mensagem clara e concisa se utiliza da seguinte fórmula: “Assim diz o Senhor: por três transgressões e por quatro, não sustarei o castigo” (Am 1,3-5; Am 1,6-8; Am 1,9-10; Am 1,11-12; Am 1,13-15; Am 2,1-3; Am 2,4-5; Am 2,6-16). Para cada uma dessas sentenças, o profeta apresenta uma explicação. Todas essas nações seriam castigadas por cometerem crimes contra a humanidade: massacre, escravidão, tráfico de pessoas, perseguição e falta de misericórdia, feminicídio e infanticídio, violação. Agindo dessa forma cruel e violenta, as nações cavavam sua própria ruína.

Os dois últimos oráculos são dirigidos especialmente a Judá e a Israel. Judá porque “rejeitaram a lei do Senhor e não guardaram seus estatutos; antes, as suas próprias mentiras os enganaram e após elas andaram seus pais, por isso meterei fogo a Judá, fogo que consumirá os castelos de Jerusalém” (Am 2,4-5) (BÍBLIA, 2013, p. 1013). Por sua vez, Israel comete crimes hediondos contra os mais necessitados. O profeta lista uma série de pecados: vender o justo por dinheiro, condenar o necessitado por causa de um par de sandálias, desejar a morte dos pobres, perverter o caminho dos mansos, profanação do nome do Senhor, tomar a roupa do pobre como empenho, beber o vinho dos multados no templo de seu Deus.

Os oráculos contra Israel (3,1-6,14). Denunciam as injustiças, o falso culto, a recusa a converter-se, o luxo e o orgulho da classe alta de Samaria. Deus vai pedir contas de tudo isso (3,2), vai enfrentar seu povo (4,12), passar pelo meio dele (5,17), semeando a escuridão e a morte (SICRE DÍAS, 2016, p. 175).

Duas realidades distintas podem ser vistas a partir dos oráculos: a realidade dos ricos e poderosos e a realidade dos pobres e fracos. Os ricos e poderosos entesourando, não apenas bens materiais, mas violência, crimes, injustiças, exploração. Acumulavam suas riquezas empobrecendo ainda mais os pobres, cobrando impostos do trigo, despojando os miseráveis, vendendo pessoas para serem escravos, falseando as medidas e aumentando o peso, conforme sua ganância e conveniência, (Am 2,6; 3,10; 3,12; 3,15; 4,1; 5,11; 8,5).

Nesse contexto de opostos extremos entre ricos e pobres, ainda havia esperança, a justiça ainda poderia salvar as pessoas: “Pois assim diz o Senhor Deus

à casa de Israel: Buscai-me e vivereei. Buscai ao Senhor e vivei” (Am 5,4,6) (BÍBLIA, 2013, p. 1017). “Buscai o bem e não o mal, para que vivais; aborrecei o mal, e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo; talvez o Senhor, o Deus dos Exércitos, se compadeça do restante de José” (Am 5,14-15) (BÍBLIA, 2013, p. 10137).

Por tudo isso, o profeta Amós é, sem dúvida, o profeta dos pobres. Foi tirado de sua terra, de detrás do rebanho para ser arauto de Javé na terra de seus irmãos. Um homem, cujos princípios éticos não permitiam a escravização do próximo, o assassinato, o feminicídio e o infanticídio, a violação do direito dos pobres e a desigualdade, pois as riquezas do Reino do Norte não significavam melhorias das condições de vida do povo, por isso critica a injusta distribuição de riquezas (Am 3,10), fazendo duras predições (Am 6,4-7) e ainda reprovando a hipocrisia religiosa. Evidentemente, uma voz de protestos tão veementes não passaria despercebida, sem reações por parte das classes dominantes. O sacerdote Amazias assume a voz da oposição, denunciando Amós a Jeroboão II e mandando-o para o exílio (Am 7,10-13).

2 Uma palavra atual

A crítica de Amós não é contra a cidade e a riqueza. Indaga para quem as cidades são construídas, e como, e às custas de quem, as riquezas são adquiridas e acumuladas. Os contrastes apresentados pelo profeta Amós no século VIII a.C., o problema da desigualdade e da injustiça, a arrogância e a prepotência das noções e dos poderosos são similares aos problemas da atualidade.

Se as políticas públicas fossem realmente pensadas e executadas para todos, não haveria tantas comunidades periféricas totalmente desassistidas pelo poder público. O serviço de transporte não seria tão ruim e, mesmo assim, tão custoso. A educação seria para todos e feita com equidade, sem os sobressaltos dos contingenciamentos, dos desvios e da ingerência dos gestores. A saúde seria prioridade. Não haveria tantos pobres nos corredores dos hospitais aguardando horas para receber os primeiros atendimentos básicos. Não faltariam medicamentos, vacinas nem médicos. A segurança seria tratada com a responsabilidade que a área exige.

A organização corporativa das cidades só atesta a permanência do *status quo* das desigualdades e das injustiças sociais, “a construção do espaço geográfico encontra-se voltada para atender aos interesses das grandes corporações, sem que ocorra uma contrapartida para a sociedade” (SANTOS, 2005, *apud* SANTOS JR, 2019).

Amós não critica o trabalho, mas as relações de trabalho injustas, desumanas e escravizadoras que aviltam o trabalhador explorando-o ao extremo; critica a indiferença, a apatia religiosa e o culto hipócrita. A defesa da justiça é o grande tema de Amós. O profeta provoca a reflexão para o enfrentamento das questões da injustiça social, da exploração das classes trabalhadoras, dos marginalizados pelas classes dominantes, da violência urbana e rural e da perda dos direitos, do desrespeito pela pessoa, pela natureza, pelo meio ambiente, pelo planeta. Todas essas questões colocam, mais uma vez, a voz do profeta Amós em defesa do que é reto e justo. Portanto, o desafio é colocar nossos pés na realidade dos pobres, olhá-los com compaixão, sentindo a realidade de cada um sob o olhar de Deus, revelado em Jesus Cristo.

Considerações finais

Os cristãos de hoje, portanto, são convocados a viverem novamente a realidade da palavra profética, denunciando as injustiças, advertindo, exortando, e, sobretudo, propagando a esperança; sem a ilusão da neutralidade, do conformismo e da comodidade. O cristão está no mundo e, por isso, não pode ficar alheio à situação das grandes questões atuais. É chegada a hora de novamente aparecerem os profetas de Javé, que, assim como Amós e os demais profetas, levantem uma voz de protesto, advertência e apelo, para que as pessoas se voltem para Javé, com coração contrito e convertido, sempre em defesa da justiça para aqueles que mais necessitam.

Referências

BALLARINI, Teodorico e BRESSAN, Gino. *O Profetismo Bíblico: uma introdução ao profetismo e aos profetas em geral*. Petrópolis, Vozes, 1978.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Almeida*. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BONARA, Antônio. *Amós, o profeta da justiça*. São Paulo, Paulinas, 1983.

SCHWANTES, Milton. *Amós meditações e estudos*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

SANTOS, Oswaldo de Oliveira Junior. *A Vida na cidade e seus desafios Urbanização: mobilidade, moradia e violência*. Disponível em <<http://moodle.metodista.br/moodle-ead/mod/resource/view.php?id=316542>> Acesso em 18/10/2019.

SICRE DÍAS, José Luís. *Introdução ao profetismo bíblico*. Petrópolis, Vozes, 2016.

SILVA, Aldina. *Amós: um profeta politicamente incorreto*. São Paulo, Paulinas, 2001.